

## O DESLIZE DE DEUS

*“Entre palavras e combinações de palavras circulamos, vivemos, morremos, e palavra somos, finalmente, mas com que significado, que não sabemos ao certo?” (Carlos Drummond de Andrade)*

Isloany Dias Machado\*

O primeiro livro da Bíblia, Gênesis, que significa o princípio, conta uma parábola sobre a criação da humanidade. Após ter criado tudo o que há na Terra, “criou, pois, Deus o homem à sua imagem”<sup>1</sup> e semelhança, o fez do pó da terra e da costela deste fez a mulher, porque não achou bom que estivesse só. E ambos foram feitos seres incompletos, o homem sem uma costela e a mulher, uma parte faltante no homem e, portanto, não-toda. E tudo caminhava bem neste paraíso criado por Deus para que o homem pudesse viver e desfrutar delícias ao lado de sua companheira. Mas naquele lugar idílico havia um proibido/interdito:

Ordenou o senhor Deus ao homem dizendo: de toda árvore do jardim podes comer livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dessa não comerás; porque no dia que dela comeres, certamente morrerás.<sup>2</sup>

A ordem foi para que não tomassem conhecimento da verdade, caso contrário, a morte viria como consequência. Mas de que morte Deus estava falando? Seria a morte sair da alienação, da indiferença à realidade psíquica? Quis Deus que o homem fosse poupado de saber sobre sua condição de ser faltante? Deus acreditou que o ser humano se adaptaria bem à não verdade e, de fato, o homem estava bem disposto a obedecer à proibição. Foi a mulher que expôs sua falta e “deixou-se” iludir pela serpente:

Disse a serpente à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que comeres desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal. Então, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu, e deu a seu marido, e ele também comeu. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; pelo que coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais.<sup>3</sup>

A serpente explica à mulher qual era o sentido da morte ao dizer que comer o fruto significava saber. O fruto da árvore proibida tinha o sabor do saber<sup>4</sup>. Em Psicanálise, “o que

---

\* Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do Ágora Instituto Lacaniano. Rua XV de novembro 574 Centro Campo Grande/MS. Cel- (67) 9995-7837. E-mail: isloanymachado@gmail.com

chamamos de saber é uma certa posição em relação à ignorância. Lacan falou da paixão pela ignorância como o que deve guiar nossa relação com o saber. Paixão pela ignorância não quer dizer paixão por nada saber, mas estar mobilizado pelo que não se sabe”<sup>5</sup>. A morte significava ser como Deus, conhecedor do bem e do mal. Viver no paraíso custaria ao homem<sup>6</sup> não ter consciência de sua verdade enquanto ser de falta. Com o discurso de terem sido enganados, a mulher pela serpente e o homem pela mulher, preferiram a morte ao paraíso. Talvez o que Deus não previu foi que ao impor uma proibição, despertaria o desejo e a dúvida. Assim como uma criança que, ao ser prevenida pelos pais de que não deve colocar o dedo na tomada, aí sim que o coloca, como que testando a verdade atribuída por eles. Lacan, em seu *Seminário 7*, fala sobre a Lei, enquanto interdição, e a Coisa, o objeto perdido:

É a Lei a Coisa? De modo algum. Mas eu não conheci a coisa senão pela Lei. Porque não teria idéia da concupiscência se a Lei não dissesse – Não cobiçarás. Foi a Coisa, portanto, que, aproveitando-se da ocasião que lhe foi dada pelo mandamento, excitou em mim todas as concupiscências; porque sem a Lei a Coisa estava morta. Quando eu estava sem a Lei, eu vivia; mas, sobrevindo o mandamento, a Coisa recobrou vida, e eu morri. Assim o mandamento que me devia dar a vida, conduziu-me à morte. Porque a Coisa, aproveitando da ocasião do mandamento, seduziu-me, e por ele fez-me desejo de morte. (...) A relação dialética do desejo com a Lei faz nosso desejo não arder senão numa relação com a Lei, pela qual ele se torna desejo de morte.<sup>7</sup>

Adão e Eva desafiaram a ordem de Deus, mostrando, assim, que não acreditavam plenamente nele, nem em sua completude. Descobrem, então um furo no Outro e saem da alienação imposta por Ele. Percebem que estão nus, o que implica dizer que tomam consciência de que são seres desprotegidos, de falta, pois se aquele que criou todas as coisas é incompleto, também o é o homem, já que fora feito à imagem e semelhança dele.

É a dúvida que permite ao homem ter conhecimento sobre o furo de Deus, mas a consequência desse ato foi a expulsão do paraíso, pois, ao descobrir o que havia acontecido,

Disse o senhor Deus: Eis que o homem se tem tornado como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Ora, não suceda que estenda a sua mão e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente. O senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden (...) e havendo lançado fora o homem, pôs ao oriente do jardim do Éden os querubins, e uma espada flamejante que se volvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida.<sup>8</sup>

Nada havia sido dito sobre a árvore da vida. Para quem Deus diz “eis que o homem se tem tornado um de nós?” Há algo que Deus não permite que o homem tenha acesso, qual seja, a

árvore da vida eterna, e esta se torna a grande hiância entre ambos, a mortalidade daquele. E o homem passou a viver na terra, tendo que sobreviver do suor de seu trabalho. A mulher, como castigo por seu pecado tão original, passa a sentir dores no parto. A serpente é amaldiçoada e condenada a andar sobre o próprio ventre e a comer pó.

Mas por que é chamado Deus, se não é completo? Se precisa de querubins para guardar o grande segredo? Por que Deus criou o homem se este o ameaçava? Por que o criou como único ser dotado de linguagem?

Criou, pois, Deus o homem à sua imagem : à sua imagem, o homem a Deus, pois, criou; depois inverteu a sentença e a esqueceu. Mas antes colocou na responsabilidade divina o maior segredo entre eles: as duas árvores, do conhecimento e da vida. Deus, achando que poderia confiar no esquecimento do homem, deixou-lhe avisado que não poderia comer do fruto da árvore do conhecimento, despertando nele a curiosidade. O homem rivalizou então com Ele, comendo do fruto, e o conhecimento sobre a falta divina veio à tona, descobriu que Deus não era tão poderoso quanto dizia ser. Ainda assim, apenas uma meia-verdade. Como medida preventiva, Deus expulsou o homem e o deixou bem longe da outra árvore, para que ele nunca soubesse que o próprio Deus era criação sua e que a árvore da vida eterna não passa de um grande desejo de ser superior a tudo o que inexplicavelmente existe e se vai. As duas árvores, a do conhecimento e a da vida são, respectivamente, dois grandes representantes da tendência humana, um de acomodar-se à não verdade e o outro de acreditar que poderá viver eternamente. Para Lacan “a dimensão da verdade é misteriosa, inexplicável, nada permite decisivamente discernir-lhe a necessidade, pois que o homem se acomoda perfeitamente à não-verdade”.<sup>9</sup> Neste acordo, ambos esqueceram-se de contar com o desejo de saber como uma possibilidade no homem.

Com a inversão da parábola do Éden pretendeu-se aqui fazer uma metáfora sobre as diversas possibilidades que se mostram perante as palavras ditas, seja na Bíblia Sagrada, seja no Alcorão, enfim, os seres humanos são verbosos e dialéticos e, em tal condição, criam formas de ludibriar a verdade do inconsciente, utilizando as palavras da forma como lhe aprouver. Segundo Freud:

As palavras, originalmente, eram mágicas e até os dias atuais conservaram muito do seu antigo poder mágico. Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens.<sup>10</sup>

No livro *Complexo de Portnoy* de Philip Roth há uma passagem em que o personagem, em processo analítico, se surpreende com as possibilidades da linguagem:

Puxa, isto é formidável! (...) Meu Deus! A língua é uma forma de comunicação! A conversa não é apenas um fogo cruzado, em que a gente dá tiro e recebe tiro! Onde a gente tem de se desviar para não morrer e fazer pontaria para matar! As palavras não são apenas bombas e balas, não; são presentinhos, contendo significados!<sup>11</sup>

E assim caminha a humanidade, surpreendendo e sendo surpreendida pelos meandros da linguagem, cada um a seu modo, da forma como é possível: O neurótico obsessivo “é, em suma, um ator que desempenha seu papel e assegura um certo número de atos como se estivesse morto. O jogo a que ele se entrega é uma maneira de colocá-lo ao abrigo da morte”<sup>12</sup>; o histérico fica o tempo todo tentando achar a falta nos Outros que passam por sua vida; o psicótico, por vezes, se torna aliado de Deus, já que este não é todo, na tentativa de manter a alienação sobre a verdade da coisa.

---

<sup>1</sup> Bíblia Sagrada. Gênesis 1:27.

<sup>2</sup> Idem 2:16-17

<sup>3</sup> Idem 3:4-7

<sup>4</sup> A palavra saber significa ter conhecimento, certeza, compreensão, mas, em algumas situações pode significar ter sabor ou gosto de algo.

<sup>5</sup> M. STRAUSS. O mestre e a verdade in Marraio nº 3, p. 15.

<sup>6</sup> Em termos de humanidade.

<sup>7</sup> J. LACAN. O Seminário Livro 7: A ética da psicanálise, p. 106.

<sup>8</sup> Gênesis 3:22-24

<sup>9</sup> J. LACAN. O Seminário livro 3: As psicoses, p. 245.

<sup>10</sup> S. FREUD. Conferência I: Introdução. Obras Completas. Vol 15, p. ???

<sup>11</sup> P. ROTH. Complexo de Portnoy, p. 158.

<sup>12</sup> J. LACAN. O Seminário livro 4: A relação de objeto, p. 26.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **De notícias e não-notícias faz-se a crônica**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

AULETE, Caldas. **Mini dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. 986p.

BÍBLIA SAGRADA. **Livro de Gênesis**. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. 245p.

FREUD, Sigmund. **Conferência I: Introdução**. Obras Completas. Vol 15. CD-ROM.

LACAN, Jacques. **O Seminário Livro 3: As Psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 366p.

---

\_\_\_\_\_. **O Seminário Livro 4:** A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. 456p.

\_\_\_\_\_. **O Seminário Livro 7:** A ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. 396p.

ROTH, Philip. **Complexo de Portnoy.** Porto Alegre: L&PM, 1984. 197p.

STRAUSS, Marc. O Mestre e a verdade. **Marraio**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, p.9-24, 2002.